

**FACULDADE DE TECNOLOGIA SENAC FLORIANÓPOLIS  
PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM ARTES VISUAIS, CULTURA E CRIAÇÃO**

**ANE CAROLINE WINTER**

**IDÍLIO E NOSTALGIA**

**JOINVILLE  
2010**

**ANE CAROLINE WINTER**

**IDÍLIO E NOSTALGIA**

Trabalho de Conclusão de Curso de Pós-Graduação apresentado à banca examinadora da Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista em Artes Visuais: Cultura e Criação.

**Orientadora: MARIA LUCILA HORN**

**JOINVILLE**  
2010

# IDÍLIO E NOSTALGIA

Por

ANE CAROLINE WINTER

Trabalho apresentado e aprovado em sua forma final, pelos membros da Banca Examinadora.


Aprovado em 01 de junho de 2010.

## BANCA EXAMINADORA:



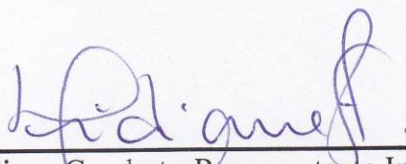
---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Maria Lucila Horn - Orientadora  
Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis



---

Prof<sup>ª</sup>. Dra. Cristiane Pimentel Neder - Examinadora  
Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis



---

Prof<sup>ª</sup>. MSc. Lidiane Goedert - Representante Institucional  
Faculdade de Tecnologia Senac Florianópolis

## **AGRADECIMENTOS**

À minha família, amigos e mestres.

## RESUMO

O trabalho, *Idílio – Nostalgia*, tem como objetivo problematizar a falta de tempo que a sociedade enfrenta atualmente e que impossibilita momentos de reflexão sobre a identidade do indivíduo perante a sociedade. Essa busca por identidade é característica da Arte Conceitual, que é a base do presente trabalho. O principal objetivo é compartilhar com o público uma experiência pessoal, relacionada à nostalgia, ao devaneio e ao idílio como clausura da vida urbana.

Palavras-chave: Arte Conceitual; videoarte; chuva.

## **ABSTRACT**

The Idyll – Nostalgia work make trouble with the full-time of the modern society, the work aproch about the personal identify in front of the society. This serch of identify is a feature of the Conceptual Art, the essential part of the work. The main objective is sharing with the public a personal experience, related to nostalgia, wandering and the idyll as the same as enclousure of urban life.

Key words: Conceptual Art; videoart; rain

**LISTA DE ILUSTRAÇÕES**

|   |    |
|---|----|
| Rosenthal, Hildegard. Chuva na rua direita. 1950.....             | 13 |
| Haack, Hans. Cubo de condensação. 1965.....                       | 14 |
| Plenz, Leopoldo. Paisagem interior com chuva. 1993.....           | 15 |
| Dechant, Bernie. Rainy knights. 2008.....                         | 16 |
| Fragmento da filmagem da chuva rompendo a superfície da água..... | 19 |
| Chuva contra a janela lateral do automóvel em movimento .....     | 19 |
| Chuva sobre o vidro embaçado.....                                 | 20 |
| Filmagem da luz refletida na chuva.....                           | 21 |
| Fragmento da cena “nostalgia” editada.....                        | 22 |
| Fragmento da cena “devaneio” após edição.....                     | 23 |
| Fragmento editado da cena “clausura”.....                         | 24 |

**SUMÁRIO**

|            |   |           |
|------------|---|-----------|
| <b>1</b>   | <b>INTRODUÇÃO.....</b>                        | <b>9</b>  |
| <b>2</b>   | <b>DESENVOLVIMENTO PRÁTICO E TEÓRICO.....</b> | <b>12</b> |
| <b>2.1</b> | <b>Conceitos motivadores.....</b>             | <b>12</b> |
| <b>2.2</b> | <b>Inspiração.....</b>                        | <b>12</b> |
| <b>2.3</b> | <b>Arte Conceitual.....</b>                   | <b>16</b> |
| <b>2.4</b> | <b>Videoarte.....</b>                         | <b>17</b> |
| <b>2.5</b> | <b>Fragmentos.....</b>                        | <b>18</b> |
| <b>2.6</b> | <b>Seleção e edição.....</b>                  | <b>22</b> |
| <b>2.7</b> | <b>Poética de Idílio – Nostalgia.....</b>     | <b>25</b> |
| <b>3</b>   | <b>CONCLUSÃO.....</b>                         | <b>26</b> |
| <b>4</b>   | <b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>        | <b>27</b> |

## 1 INTRODUÇÃO

Idílio, pode ser designado como um poema de amor, uma conversa ou relação entre namorados, porém pode-se contextualizá-lo aos contos de fadas, materializando-o como o lugar onde a dama aguarda o seu amor. Idílio, é um lugar atemporal, eterno, onde alguém espera que seu sonho se realize. Idílio, é uma outra dimensão onde a insanidade do cotidiano urbano e da vida moderna não consegue alcançar. Enfim, Idílio é um refúgio.

Pensando em idílio desta forma, automaticamente pode-se associar a sensação de nostalgia, que nada mais é do que uma lembrança de algo vivenciado, como uma saudade, um anseio por algo ou por alguém.

Somando nostalgia a idílio, um fenômeno natural me vem à mente: a chuva e seus pingos em vidros, como é agradável a sensação ao observá-los, é como se estivéssemos em outro lugar, longe de qualquer mecanização causada por nossas vidas agitadas, onde não há tempo para valorizar o que é belo na relação entre seres vivos e a natureza. Observando os labirintos que a chuva forma, tanto em vidraças como em poças d'águas podemos viajar para um mundo perfeito onde tudo é belo, graças à contemplação – nossa capacidade de observar e refletir. Logo, a chuva é o meio de expressão visual do tema idílio e nostalgia.

O artista Leopoldo Plentz possui uma poética semelhante, onde há um culto ao que deixa de existir, à tentativa de tornar eterno algo que é passageiro. Segundo Faraco<sup>1</sup>:

Leopoldo Plentz capta justamente a poesia desesperada dessas pequenas coisas que, por sua fragilidade, logo morrerão, sem que delas remanesça o mais pálido retrato, e que, no entanto, são notas comovedoras do que fizemos nós, em nosso delírio cotidiano e anônimo, para conquistar nossa impossível eternidade.

A obra em questão é “Paisagem interior com chuva”, da série Simulacro de 1998. É uma fotografia em preto e branco de gotas de chuva em uma vidraça com uma paisagem com árvore, desfocada ao fundo. Transmite a sensação de nostalgia

<sup>1</sup> FARACO, Sergio. **A permanência do efêmero**. Disponível em: <<http://www2.uol.com.br/animae/fotogrfs/plentz/texto.htm>> Acesso em: 16 abr. 2010.

por conta do foco nas gotas e não na paisagem, transmitindo uma sensação de ruptura com o cotidiano.

O “Cubo de Condensação” do artista Hans Haacke, quando observado também provoca uma ruptura com o ritmo cotidiano, é belo, e se trata de um cubo de vidro com líquidos de diferentes densidades em seu interior, de acordo com a temperatura e com a luminosidade é possível observar diversas gotículas nas paredes do cubo. Essa obra foi realizada na década de sessenta, pouco depois do artista passar pelo processo de desmaterialização do objeto, e usar as condições climáticas como *readymades* em sua arte.

Problematizando idílio e nostalgia, é possível constatar que nenhum dos dois possui uma forma visual, ambos já são conceitos, idéias. Partindo desta premissa, é válido lembrar que a Arte Conceitual também “reside no conceito essencial, não no trabalho real”. STRICKLAND<sup>2</sup>.

A Arte Conceitual propõe que o objeto de arte é supérfluo e o que realmente é válido é a idéia, que gera a ação de criar. A Arte Conceitual rompe completamente com a Arte Tradicional, pois o que importa é a idéia e não o objeto.

Na Arte Conceitual a teoria se tornou um assunto prático, as obras são representações de uma indagação conceitual em relação ao objeto artístico, a verdadeira obra de arte são as idéias. A vanguarda conceitual passou a desmaterializar o objeto artístico, não precisando ser fisicamente realizada e se o for não precisa ser pela mão do artista. A principal tendência está no interesse por estratégias repetitivas, que propõem uma meditação sobre o tempo.

Sendo assim, surgiram várias subcategorias na Arte Conceitual, sendo a Arte Processo a mais relevante para o projeto Idílio – Nostalgia. A Arte Processo defende que “o processo de criar arte é mais importante que a peça acabada [...] o artista descobre significados ao fazer.” STRICKLAND<sup>2</sup>.

A linguagem da videoarte surgiu em meio a Arte Conceitual, o Minimalismo e Arte Pop, sendo utilizada pelos artistas que já experimentavam as imagens fotográficas e fílmicas. A vídeoarte propõe um novo sentido aos espaços institucionais de arte, afinal o observador estará alternando a sua visão entre as imagens do vídeo e a do espaço físico, propondo uma alteração na forma de perceber o tempo dentro do espaço institucional de arte.

---

<sup>2</sup> STRICKLAND, Carol. **Arte comentada da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003. p 178.

Portanto, a motivação do projeto Idílio – Nostalgia é a questão do tempo dentro dos conceitos de efemeridade e contemplação. O tempo é o responsável por todas as relações estabelecidas entre os homens e as coisas que o cercam. Contudo, o homem está suscetível ao tempo, o qual modifica a percepção e altera os valores, que podem até mesmo desaparecerem, afinal o homem está sujeito ao tempo.

O efêmero é justamente o que se refere sobre esse limite que o tempo proporciona à vida humana e ao que a cerca. A chuva ao cair é efêmera, a mesma gota não cai duas vezes, o trajeto tem um início e um fim. O ato de contemplar proporciona momentos plenos de meditação e admiração, o que leva à nostalgia, e uma possível clausura em um idílio.

O projeto Nostalgia – Idílio terá como meio visual a chuva, para tal serão utilizados diversos recortes fílmicos, capturados durante e após a chuva, em lugares como vidraças de casa, poças d'água, janela do carro em movimento e folhagens.

A linguagem artística utilizada será a videoarte, porque não se dá necessariamente como um objeto de arte, e também propicia o momento de contemplação.

A intenção do projeto Nostalgia-Idílio como videoarte é provocar o observador, convidando-o a “viver intensamente uma experiência em ruptura com o cotidiano”. Assim como JIMENEZ<sup>3</sup> propõe ao escrever sobre a função da estética:

A tarefa da estética consiste precisamente em prestar extrema atenção nas obras, a fim de perceber, “simultaneamente, todas as relações que elas estabelecem com o mundo, com a história, com a atividade de uma época”. Ela então reata com a exigência de Kant: sair da experiência individual, subjetiva e abrir essa experiência se não a todos, pelo menos ao maior número.

O vídeo será desenvolvido e editado através de fragmentos que mostram cenas de chuva caindo e se refletindo na luz de um poste de luz, gotículas em movimento na vidraça do carro, gotas confortadas em folhagens que balançam ao vento após a chuva e também a chuva rompendo com a superfície calma da água em uma poça. A proposta de montagem pretende a contemplação, que proporcione ao observador a vivência desse Idílio-Nostalgia.

---

<sup>3</sup> JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed Unisinos, 1999. p 389.

## **2 DESENVOLVIMENTO PRÁTICO E TEÓRICO**

O projeto Idílio – Nostalgia é baseado nos conceitos de nostalgia e idílio, que automaticamente associados à chuva compõe um elemento visual capaz de proporcionar a reflexão naquele que observa e conseqüentemente levá-lo à um nostálgico devaneio. Para transformar esta idéia em um objeto de arte será utilizada a linguagem da vídeoarte.

### **2.1 Conceitos motivadores**

Para materializar de forma visual o projeto Idílio-Nostalgia, primeiramente foram selecionados alguns conceitos chaves:

- Idílio – a redoma onde a princesa aguarda o príncipe;
- Nostalgia – saudade de alguém ou algo que se esvaiu;
- Devaneio – utopia, um sonho impossível, uma quimera;
- Efemeridade – o que rapidamente deixa de existir, algo transitório, temporário.

### **2.2 Inspiração**

A chuva foi escolhida como elemento figurativo destes conceitos, portanto, foram pesquisados artistas que utilizaram a chuva, ou gotículas de água em suas produções artísticas, independente da linguagem artística utilizada, porém todas pertencentes ao século XX, época em que a arte estava em transição do moderno para o conceitual.

Uma das artistas pesquisadas foi, Hildegard Rosenthal (1913 – 1990), reconhecida como a primeira fotógrafa brasileira, atuou principalmente como fot-jornalista no jornal de São Paulo. Suas fotografias geralmente são de paisagens urbanas, ou flagras de olhares soturnos de transeuntes. A fotografia, “Chuva na rua Direita”, é de 1950 no Triângulo Histórico de São Paulo. Esta fotografia explora

diversas tonalidades de cinza, a composição é sóbria e harmoniosa. Nela aparecem pessoas com guarda-chuvas, praticamente todas de costas, em horário de *rush*, provavelmente indo em direção ao transporte coletivo.

Enfim, a fotografia “Chuva na rua Direita”, proporciona um sentimento de calma e melancolia, digno de dias chuvosos, pois mesmo com a chuva a paisagem urbana permanece repleta de movimento e agitação. Afinal, a vida continua e mesmo diante do mau tempo, as fábricas não param. Sendo assim, esta obra proporciona uma leve crítica social em relação ao proletariado, que seguem como ovelhas, todos marchando para o trabalho. Nessa fotografia, não há nenhuma pessoa em destaque, pois todos estão de costas, com roupas parecidas e aparentemente com pressa. Isto pode ser interpretado como uma crítica social na busca pela identidade de cada um.

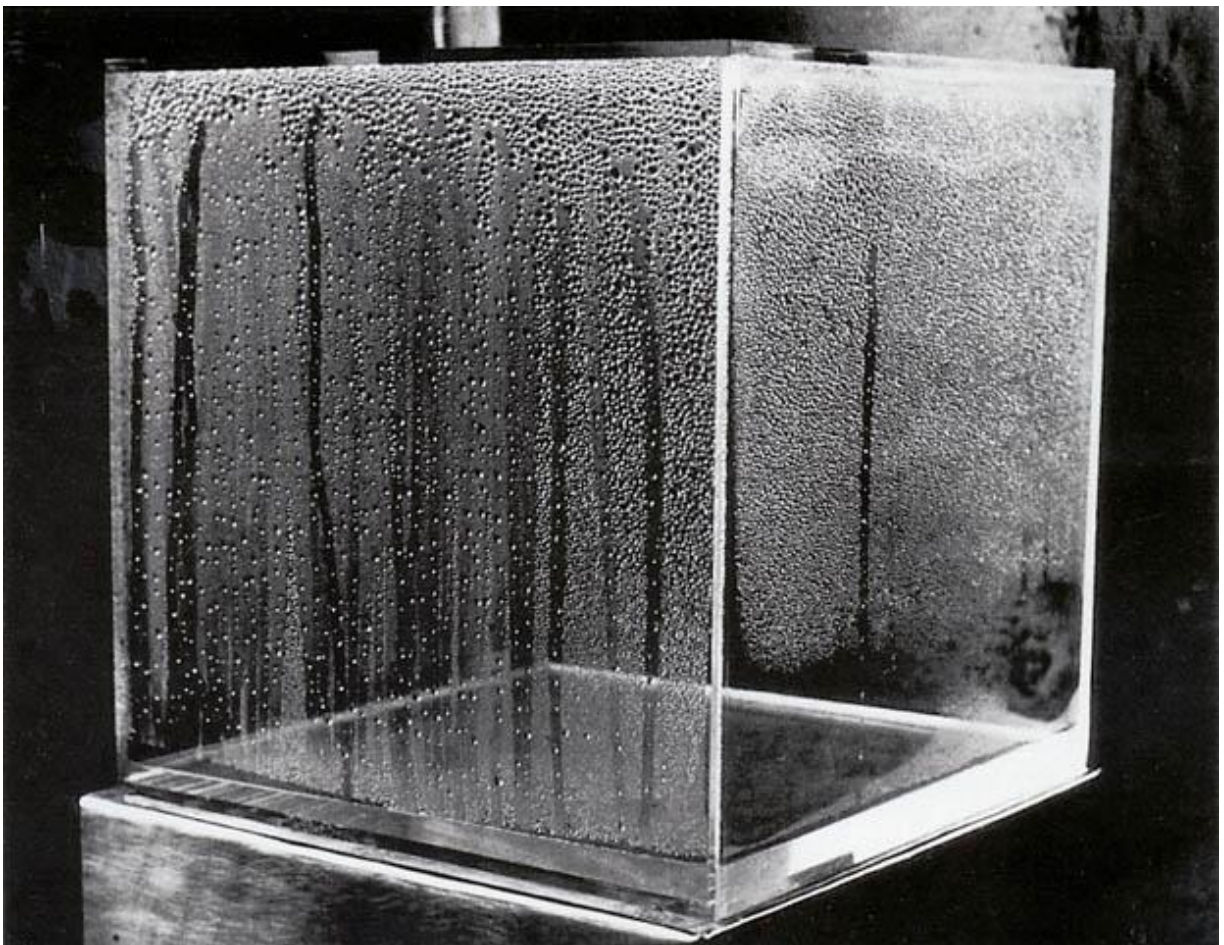


ROSENTHAL, Hildegard. **Chuva na rua direita**, 1950.

Outro artista pesquisado foi Hans Haacke, e uma de suas obras que inspirou o projeto Idílio foi “Cubo de condensação”. Essa obra é do início da carreira de Haacke, quando sua arte conceitual ainda se voltava para sistemas cinéticos, isto é, sistemas isolados que dependem de condições externas, não controláveis, para a transformação de elementos integrantes do objeto artístico. Haacke, é tido como o

principal representante da Arte Conceitual politizada, pois seus trabalhos posteriores abordavam de forma altamente política os sistemas sociais da época.

É interessante citar que a obra, “O cubo de condensação”, é interpretada como uma metáfora da sociedade, sugere a reflexão do indivíduo em relação ao sistema, é uma metáfora sobre o conformismo, onde apenas todos se adaptam. Haacke provoca a reflexão na tentativa de transformar a sociedade de passiva para ativa. O que ocorre é uma alusão dos integrantes da população com as gotículas formadas pelos líquidos de diferentes densidades.



HAACK, Hans. **Cubo de condensação**. 1965.

Outra referência importante é o trabalho “Paisagem interior com chuva” (1993) de Leopoldo Plentz. Este trabalho, se refere a uma fotografia onde a figura principal são gotículas de chuva em uma vidraça. O trabalho de Leopoldo Plentz, inicialmente, consistia em fotografias de paisagens urbanas. Contudo, a fase seguinte se caracteriza pela busca do efêmero, onde consiste a necessidade de

registrar tudo o que rapidamente deixará de existir, na esperança de compartilhar com outras pessoas, peculiaridades que apenas o artista percebe no cotidiano. Isto é uma característica da Arte Conceitual.



PLENZ, Leopoldo. **Paisagem interior com chuva.** 1993.

O fotógrafo Bernie Dechant, também um dos artistas pesquisados, em sua viagem ao Japão também fotografou a chuva. Na verdade, foi a fotografia de uma paisagem urbana noturna em um cruzamento, onde há quatro homens de terno e gravata, um em cada esquina, com o guarda-chuva aberto e andando com passos largos. No fundo está o metrô e a chuva está no brilho do asfalto molhado. A obra é "*Rainy knights*" de 2008. Dechant expôs, no ano de 2009, no museu Oscar

Niemeyer, em Curitiba – Paraná. Sua obra se caracteriza pela sensibilidade do olhar em relação ao ambiente, costumes e rotina de grandes cidades, destaca a realidade do cotidiano do homem de qualquer lugar. O trabalho, deste artista americano, provoca momentos de profunda reflexão, pois o espectador se identifica com as pessoas fotografadas.



DECHANT, Bernie. *Rainy Knights*. 2008.

### 2.3 Arte Conceitual

Considerando que todos os artistas selecionados viveram no século XX, a arte que produziram está contextualizada de acordo com as diferentes décadas desse século. É importante lembrar que ocorreram grandes mudanças nesse século, desde a forma de se vestir até mesmo na forma de pensar e agir.

No início do século XX a maior preocupação dos artistas era romper com as tradições impostas pelas linguagens tradicionais da arte. Assim, surgiu a abstração, o minimalismo, tudo em busca da liberdade da forma. Na mesma época, Duchamp

inicia uma reflexão sobre o que é arte e o que o é utilitário, provocando polemica com os *readymades* (objetos industrializados apresentados como arte). Este período inicial é definido como Modernismo, no qual se destacou a ausência de linguagem e a supervalorização do sentimento e emoção. Porém, como a arte é uma prática social, ela é passível de um contexto histórico que, para ter significado, depende da época em que é produzida. Porém, essa negação à linguagem resultou em outro movimento artístico: a Arte Conceitual.

A Arte Conceitual resgatou a linguagem para a arte, na verdade, tornou a linguagem, o conceito, a ideia primordial na produção de arte. A forma do produto se tornou uma consequência da verdadeira arte, que é a ideia. No primeiro momento da Arte Conceitual, algumas obras indagaram conceitualmente o objeto artístico, e, o objeto de arte sofreu uma desmaterialização, onde o artista afirmava que ele pode optar em construir a obra de arte, utilizar algo fabricado, afinal a obra não precisa ser construída, ela é a ideia. Portanto, o artista pode optar até mesmo pela contratação de outra pessoa para fazer o objeto ou produto.

A Arte Conceitual teve duas vertentes: a política e a de identidade. A política é caracterizada pela denúncia através da arte, apontando para as diferenças das classes sociais, o racismo em ambiente de trabalho, sobre o governo e até mesmo sobre a habitação. Entretanto, a vertente relacionada a identidade focou no que o artista como indivíduo vivenciava, levantando questões sobre os movimentos sociais da época, vinculados à construção da identidade do indivíduo em meio à sociedade.

O projeto Nostalgia-Idílio tem a mesma ideologia que a Arte Conceitual na busca de identidade, se trata de uma experiência particular, resultante da percepção e observação do indivíduo, do elemento chuva e da reflexão provocada em relação à acontecimentos passados ligados à desejos e utopias. Experiência que para ser compartilhada será manifestada por meio de imagens em movimento.

## **2.4 Videoarte**

Nos grandes centros urbanos, o indivíduo é consumido pela cultura de massa, a mídia não permite que haja tempo para a reflexão, há excesso de informação, muito do que se informa não tem utilidade para o indivíduo, porém o induz de forma

subjetiva. A propaganda, a televisão, em resumo, a linguagem fílmica, é uma das principais formas de manipular e controlar sutilmente os indivíduos, para que se comportem de uma mesma forma, acreditando e preferindo um determinado conjunto de valores e costumes.

O vídeo possui uma visão integral da realidade conflitante com preceitos humanísticos afirmados de sua tradição. A abordagem da videoarte ocorre pela possibilidade de manipular tecnicamente o fluxo de imagens tornando-as abstratas, ou mais conceituais; e também pela facilidade de registrar a percepção da realidade enquanto fenômeno autoexpressivo e social.

A vídeoarte surgiu como resultado de um processo artístico que negou o objeto, ficando a ação, o evento, o ritual como principal manifestação da Arte. A videoarte também se caracteriza pela subjetividade, enfatiza aspectos intrínsecos à própria arte.

A linguagem videoarte foi utilizada devido a possibilidade de reunir imagens em movimento, reproduzindo o que os olhos do artista percebem. A videoarte propõe maior atividade ao observador de arte, pois propõe um olhar contínuo durante um período pré-estabelecido pelo artista, em conjunto com uma trilha sonora, que sugere algo de acordo com as intenções do artista. O observador fica mais suscetível e exposto à obra de arte. Mesmo porque a linguagem fílmica faz parte do cotidiano do observador, o que causa em primeiro lugar uma familiarização com a linguagem, provocando a atenção e o olhar por parte do observador.

## **2.5 Fragmentos**

A primeira etapa para produzir a vídeoarte foi filmar a chuva em diferentes formas. Rompendo superfícies calmas, escorrendo sobre folhagens, respingando sobre o vidro, refletida pela luz de postes, gotículas em folhagens sofrendo a intervenção do vento, e no vidro do carro se movendo conforme a velocidade e o trajeto do automóvel.

Nas primeiras semanas choveu um pouco e foi possível filmar a chuva rompendo com a inerte superfície da água em uma piscina, contudo a chuva não tinha intensidade, logo, os pingos eram dispersos e lentos. Nessa fase, também foi

possível filmar folhagens, após a chuva, porém sem intervenção do vento. Algumas semanas depois, ocorreram dias de chuva intensa, possibilitando a refilmagem dos pingos rompendo com a superfície da água da piscina de forma bem mais dinâmica.



Fragmento da filmagem da chuva rompendo a superfície da água.

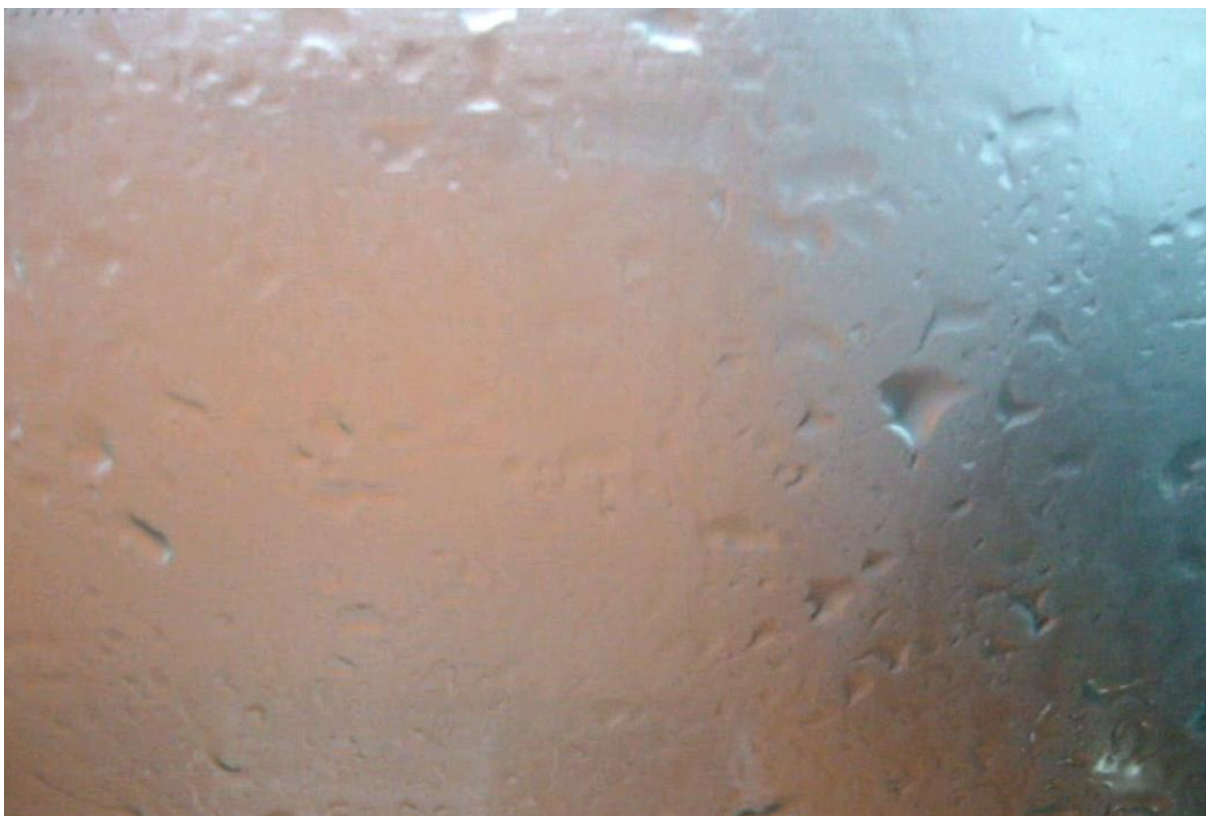
Nesses dias de chuva forte, também foi possível filmá-la atingindo o vidro do carro, tanto parado quanto em movimento. Essas filmagens foram bem



Chuva contra a janela lateral do automóvel em movimento.

interessantes, pois o carro também faz com que a câmera fique em movimento, devido às trepidações causadas pelo calçamento das vias. Logo, algumas filmagens onde a câmera ficava mais estável ficaram melhores, outras em que havia muita trepidação ficaram fora de foco.

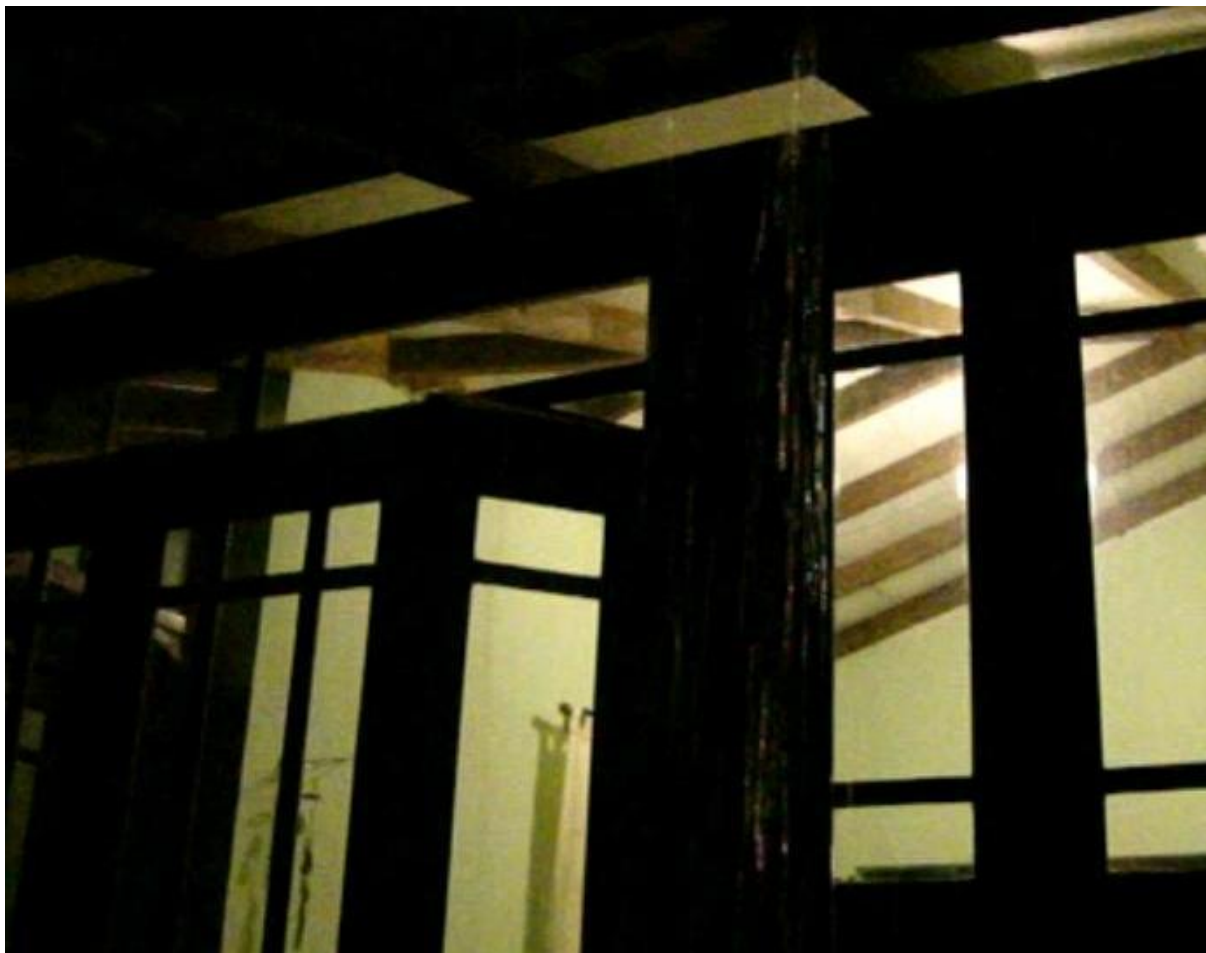
Também, nos dias de chuva, o carro fica fechado e os vidros ficam embaçados, característica que provocou um efeito visual muito agradável, pois o que ficou bem focado foram as gotas de chuva no vidro e não a paisagem externa. As filmagens com o carro em movimento e o vidro limpo não ficaram tão interessantes, pelo fato de haver muita informação, tornando confusa a intenção, se o que era importante era a paisagem ou a dança da chuva no vidro.



Chuva sobre o vidro embaçado.

Para capturar a chuva em movimento, refletida pela luz de mercúrio da iluminação pública, foi mais complicado, afinal essas luzes só estão acesas a noite, e infelizmente a imagem fica com má qualidade, mais granulada. A iluminação não era o bastante e a tecnologia da câmera não era o suficiente para esta filmagem. O problema foi solucionado modificando um pouco o local da filmagem, utilizando a

iluminação próxima de uma residência, que difere da iluminação pública, tendo uma cor mais próxima do azul ou branco ao invés do âmbar.



Filmagem da luz refletida na chuva.

A filmagem da chuva contra a vidraça de uma construção não foi realizada, devido à ausência de vento.

Nesta primeira etapa foram filmados aproximadamente trinta minutos.

## **2.6 Seleção e edição**

Nesta etapa todas as filmagens foram cuidadosamente observadas e analisadas. As filmagens foram editadas no programa *Windows movie maker*, foram

cortados e retirados movimentos indesejados da câmera. Quanto à questão de cores e velocidade, as imagens não receberam tratamento, nesta etapa.

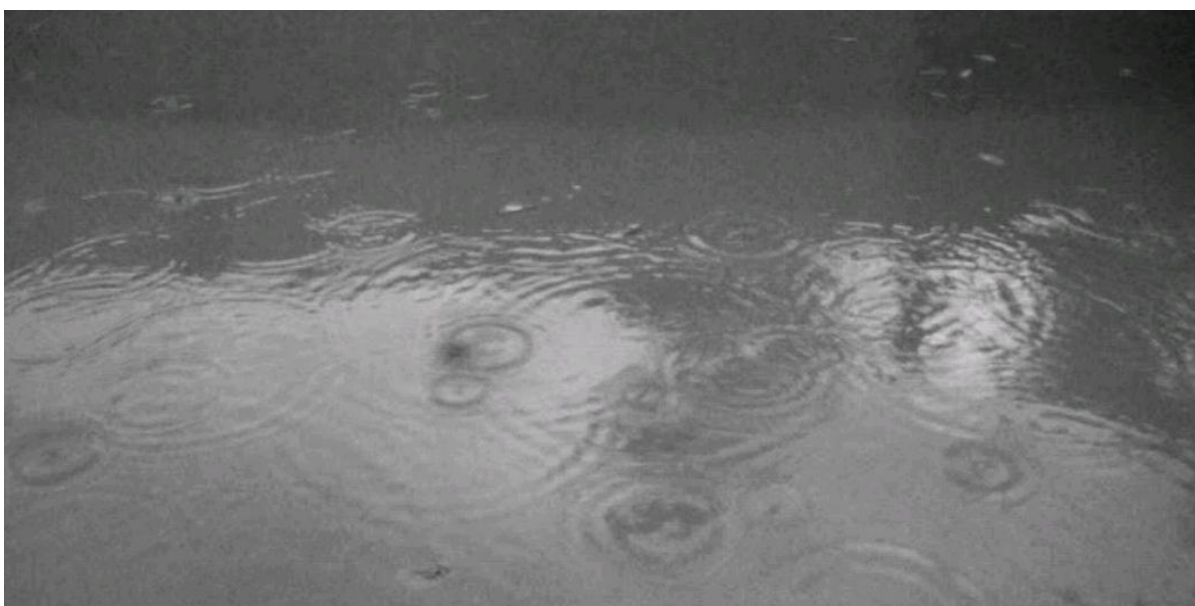
As filmagens foram separadas em grupos de semelhança (exemplo imagens da superfície da água, de folhagens,...) e em seguida subdivididas de acordo com a intensidade da chuva.

Todos os vídeos foram reunidos, tornando possível a visualização do conjunto, foi notado que alguns trechos não condiziam com outros, o trecho da folhagem poluía o conjunto, pois o elemento da folhagem é de fácil distinção e reconhecimento, deixando muito simplório o vídeo. Da mesma forma ocorreu com a chuva com luz refletida, a chuva em cascata vinda do telhado apresentava muita intensidade, transmitindo certa violência, o que não encaixou com os pingos de chuva na janela do carro e na superfície da água.

Na seleção para o vídeo final, ficaram apenas as imagens da chuva rompendo a superfície da piscina, na janela embaçada do carro parado e em movimento. A seleção ficou com cerca de oito minutos de duração, porém alguns efeitos foram adicionados.

As seleções, como um todo, estavam sem unidade, então submetidas ao efeito preto e branco ficaram mais harmoniosas, e as cores não quebraram com a melancolia provocada pela chuva. Apenas dois trechos finais permaneceram no formato original de cor, pois o vídeo tinha uma tonalidade fria.

O filme pode ser dividido em três cenas, a primeira como “nostalgia”, a segunda “devaneio” e a terceira “clausura”.



Fragmento da cena “nostalgia” editada.

A cena “nostalgia” é composta de cinco fragmentos da chuva rompendo com a superfície da água. Todos os fragmentos receberam o efeito escala de cinza, pois originalmente a cena estava em azul vibrante. Os dois primeiros também foram submetidos à redução de velocidade, o terceiro foi espelhado e os últimos acelerados.

A cena “devaneio” também é em escala de cinza, os fragmentos originais apresentavam cores bem esmaecidas, porém na escala de cinza ficou bem mais harmonioso. Também se aplicou efeitos de velocidade acelerada ou reduzida nesta cena, e o penúltimo fragmento da cena foi invertido. Em “devaneio” há gotas de chuva escorrendo pelo vidro do carro, sendo que em algumas das cenas há a imagem desfocada de um automóvel, ou de uma edificação ao fundo.



Fragmento da cena “devaneio” após edição.

A última cena, “clausura”, é composta por uma única filmagem, de gotas de chuva no vidro do automóvel em movimento. Essa cena foi dividida em seis fragmentos para que cada um recebesse um tratamento especial. O segundo e o quarto fragmento foram espelhados e permaneceram com suas cores originais, os

outros foram submetidos à escala de cinza. Apenas o dois primeiros obtiveram uma velocidade reduzida, e o quinto fragmento foi girado em 270°.



Fragmento editado da última cena “clausura”

Com o vídeo editado surgiu uma nova busca, ou seja, a busca pela trilha sonora ideal. O áudio original do vídeo possuía diversos ruídos contraditórios com a imagem, logo, o áudio original foi excluído. A música precisava induzir a reflexão, então, a prioridade foi para uma trilha que só tivesse som instrumental, sendo agitada e, mesmo assim, calma.

Considerando as necessidades, foram escolhidos Amon Tobin com *Four to mantis*, Brian Eno com *Deep blue day* e Primal Scream com *Trainspotting*. Todas essas músicas se encaixam em gêneros musicais bem contemporâneos como a música experimental, com influência da música eletrônica e outros gêneros como o rock, o jazz e o trip hop.

Na hora de unir a música ao vídeo, a música de Amon Tobin ficou bem coerente com a seqüência de imagens, precisando de poucos cortes para sincronizar com o vídeo. As outras trilhas também ficaram bem, porém as duas são bem mais calmas, que em conjunto com as imagens deu sensação de sonolência.

Amon Tobin é DJ e produtor de música eletrônica, a bateria e o baixo são bem marcados em suas músicas, que sofrem influência do *jazz*, do *blues*, música popular brasileira e também *hip hop*. Pode-se afirmar que a música Tobin é introspectiva e levemente sombria, o que a torna própria para a videoarte Idílio-Nostalgia, pois induz ao silêncio provocando a reflexão, a busca por si mesmo.

## 2.7 A poética de Idílio - Nostalgia

A videoarte Idílio-Nostalgia faz com que o observador tenha um breve período de auto-reflexão. O intuito é compartilhar o que me faz parar para simplesmente ficar divagando em meio a lembranças e desejos.

A primeira cena, denominada “nostalgia” sugere realmente que o observador tenha o sentimento de saudade de alguém ou algo que aconteceu. É o período de reunir acontecimentos reais.

A cena “devaneio” propõe que o observador fantasie os momentos que lembrou, tornando-os mais agradáveis e coerentes com a realidade do observador. A última cena, a “clausura” é justamente o idílio, a redoma em que o observador pode ficar, se acaso ele prefira ficar apenas com os devaneios.

A videoarte Idílio – Nostalgia segue uma ideologia de identidade social, característica marcante na Arte Conceitual, principalmente a partir da década de 70.

A Arte Conceitual, após a década de setenta, deixa de ser um questionamento sobre a arte, e também deixa de ser apenas uma crítica política, a Arte Conceitual e passa para outra esfera, ou seja, passa para a busca de uma identidade social e pessoal, onde o artista sente a necessidade de explorar seu universo interno e consegue compartilhar com o público, fugindo assim da solidão provocada pelo mundo moderno.

### 3 CONCLUSÃO

O principal intuito deste trabalho é compartilhar com o observador uma experiência pessoal, relacionada à nostalgia, ao devaneio e ao idílio como clausura da vida urbana. A partir do momento em que esta videoarte estiver exposta para um público ela atingirá o objetivo prático.

O processo de criação da videoarte correspondeu ao planejado, apenas algumas filmagens deram errado, mas mesmo assim foi possível filmar a maior parte das imagens propostas. No período de edição, ocorreu uma seleção, a princípio inesperada, pois a ideia inicial era reunir diversas filmagens em cenários diferentes.

Quando todos os fragmentos foram reunidos, o filme ficou confuso e poluído. Logo, a seleção foi inevitável para a busca de um trabalho harmonioso.

O propósito da videoarte Idílio – Nostalgia é provocar a reflexão do público no que se refere à sua identidade pessoal, pensando no seu passado, naquilo que viveu até o presente momento, quais são as suas origens e o que ele faz para a sua satisfação pessoal e para ser feliz.

As três cenas propõem um momento de lembranças (nostalgia) um momento de desejos (devaneio) e um momento de idílio (clausura). A intenção da videoarte Idílio – Nostalgia é provocar um momento de reflexão e esse momento que é o idílio, um lugar que não é físico, um lugar para onde se pode fugir a qualquer hora, porém existe apenas na mente do indivíduo.

#### 4 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

DECHANT, Bernie. **Rainy knights**. 2008. 1 fot., color. Museu Oscar Niemeyer.

FARACO, Sérgio. **A permanência do efêmero**. Projeto Animaê. Lugar e ano. Disponível em: < <http://www2.uol.com.br/animaê/fotogrfs/plentz/texto.htm> > Acesso em 19 abr. 2010.

HAACKE, Hans. **Cubo de condensação**. 1963-65. instalação. John Weber Gallery. NY.

Itaú cultural. Vídearte. **Termos e conceitos**. Disponível em: <[http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia\\_IC/index.cfm?fuseaction=termos\\_texto&cd\\_verbete=3854](http://www.itaucultural.org.br/aplicExternas/enciclopedia_IC/index.cfm?fuseaction=termos_texto&cd_verbete=3854)> Acesso em 19 abr. 2010.

JIMENEZ, Marc. **O que é estética?** São Leopoldo, RS: Ed. Unisinos, 1999.

MACHADO, Daisy Valle; Fundação Armando Alvares Penteado. **Arte : novos meios/multimeios : Brasil 70/80**. Sao Paulo: Fundacao Armando Alvares Penteado, 1985.

MELLO E SILVA, Maristela Quarengui; PATRICK, Andy. **Bernie Dechant: Brasil, além Brasil**. Curitiba, PR: Museu Oscar Niemeyer, 2009.

PLENTZ, Leopoldo. **Interior com chuva**. 1993. 1 fot., p&b. Coleção particular do artista.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 1996.

ROSENTHAL, Hildegard. **Chuva na rua direita**. 1950. 1 fot., p&b.

STRICKLAND, Carol. **Arte comentada da pré-história ao pós-moderno**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2003.

WOOD, Paul. **Movimentos da Arte Moderna: Arte Conceitual**. São Paulo: Cosac Naify, 2002.